



TEATRO - ACHEI QUE SERIA MAIS INTERPRETAÇÃO

Autor(es): Lázaro Martins Silva, Ana Paula Correa Lopes, Guilherme Henrique Soares da Silva, Tatiany Danusa pinto Vieira Gusmão, Fátima Nayara Santos Jorge, Maria Clarete Almeida Costa, Solange Maria Veloso Sarmento

O PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) da CAPES/MEC, da Universidade Estadual da Unimontes, em seu subprojeto de Artes/Teatro que foi implantado neste ano de 2014, começa a instigar pesquisa e reflexões teóricos/práticas. Neste nosso relato pretendemos mostrar a importância do programa PIBID Teatro, na desconstrução do conceito do fazer teatral que os alunos tinham ou tem pré-estabelecido em mente. A partir de algumas observações feitas durante as aulas, ministradas por nós, um dos grupos de acadêmicos, acompanhados por uma professora/supervisora da Escola Estadual João de Freitas Neto, notamos certo desinteresse na execução dos jogos propostos. Como estratégia metodológica pedimos a alguns alunos que colocassem no papel quais eram as suas expectativas ao iniciar o projeto, e suas considerações sobre o desenrolar das aulas aplicadas. Algumas características e apontamentos foram frequentes na maior parte dos relatos. Tomamos como base a fala de uma das nossas alunas, "Antes de começar o teatro achei que seria mais interpretação, uma coisa mais emocionante?". Nesta fala, tomada como exemplo, pudemos perceber que a conceituação do fazer teatral na turma é a mesma que permeia a maior parte do imaginário regional, de que o fazer teatral se resume apenas no decorar falas, fazer as marcações cênicas e apresentar. Diante disso notamos certa resistência dos alunos frente à metodologia aplicada pelo grupo, que inclui jogos teatrais, dinâmicas, exercícios de expressão e consciência corporal, com o objetivo de proporcionar uma interação entre os alunos, desenvolver a criatividade e as habilidades através dos jogos. Nesse início, percebemos que a ansiedade era nítida, pois já queriam partir para a parte textual, criar personagens, julgando como desnecessário a utilização dos jogos. Era preciso a todo o momento estar retomando a importância dos jogos teatrais, mostrando que como afirma Viola Spolin, é brincando que desenvolvemos habilidades e estratégias necessárias ao jogo e conseqüentemente nos colocamos mais preparados para a cena. O desafio agora é continuarmos a aplicação dos jogos teatrais e começamos a criar uma nova concepção sobre o fazer teatral na cabeça dos nossos educandos e no imaginário regional. O que desejamos também é permanecermos nessa pesquisa, e aprofundarmos os nossos estudos com bases teóricas calcadas em Paulo Freire, Augusto Boal, Viola Spolin, Ingrid Koudela, dentre outros.

Agência financiadora: CAPES